

LEANDRO GOMES DE BARROS

BATALHAS

DE

Oliveiros com Ferrabraz

E

A Sêcca do Ceará

Preço. . . . . 1\$000

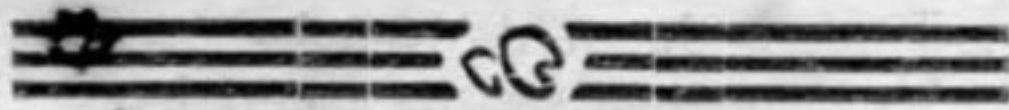
EDITORES

Pedro Baptista & C<sup>a</sup>

17, Rua 7 de Setembro, 17-Guarabira

Estado da Parahyba do Norte

1920



# BATALHAS

DE

## Oliveiros com Ferrabraz

Eram doze cavalleiros  
Homens muito valorosos,  
Destemidos, animosos,  
Entre todos os guerreiros,  
Como bem fosse, Oliveiros  
Um dos pares de fiança  
Que sua perseverança  
Venceu todos infiés,  
Foram doze leões crués  
Os doze Pares de França.

Todos eram conhecidos  
Pelos leões da igreja,  
Pois nunca foram á peleja  
Que nella fossem vencidos,  
Eram por turcos temidos,  
Pela igreja estimados  
Porque quando estavam armados  
Suas espadas luziam,  
E os inimigos diziam:  
—Esses são endiabrados.

Tinha o duque de Nemé  
Que era uma espada medonha,  
O grande Guy de Borgonha  
Geraldo de Monte Fé.  
Carlos Magno tinha fé  
Em todos seus cavalleiros,  
Pois entre todos guerreiros  
De que nos trata a historia,  
Vê-se sempre a maior gloria  
De Roldão e Oliveiros.

O almirante Balão  
Tinha um filho—o Ferrabraz.  
Que entre os turcos, era o mais  
Que tinha disposição  
Mesmo em nobreza de acção  
Era o maior que havia  
Então em toda Turquia  
Onde se ouvia fallar,  
Tudo tinha de respeitar  
Ferrabraz de Alexandria.

Foi Ferrabraz procurar  
Sahiu com uma grande tropa  
Vê se achava na Europa  
Um rei para pelejar,  
Pegou logo a exclaimar  
Com mais precipitação,  
Fazendo uma exclamação,  
Insultando os cavalleiros,  
Falando contra Oliveiros

Fazendo accinte a Roldão.

Quando Ferrabraz chegou  
Nos campos de Mormionda,  
Só um trovão quando estronda  
Trôa como elle troou,  
Em altas vozes gritou  
Apoiado em uma lança,  
Como uma féra que avança  
Precipitada em furor,  
Dizia oh! imperador  
Que dê teus pares de França?

Stás poupando teus guerreiros  
Que nem um vem pelejar?  
Para que queres guardar  
Esses doze cavalleiros?  
Ouço dizer que Oliveiros  
Tem tanta disposição,  
E propria a occasião,  
Se não tens dó dos cavalleiros,  
De uma vez mande Oliveiros  
Guy de Borgonha e Roldão.

Ninguém ahi respondeu  
E Ferrabraz se apeiou,  
Numa sombra se assentou  
Em vozes altas rompeu,  
Carlos Magno se escondeu:  
Ou está hoje sem acção?  
Os pares onde é que estão?

Não ouço nem um fallar,  
Já não posso acreditar  
Nas façanhas de Roldão.

Sahirei daqui dizendo:  
—Carlos Magno se escondeu?  
Roldão não me appareceu  
Talvez ficasse tremendo...  
Estou só, como se está vendo  
Elles são 12 guerreiros  
Como 12 cavalleiros,  
Não dão batalha a um só?  
Porque não vem uma mó  
Roldão, Ricardo, Oliveiros?

Sosinho nesta campanha  
Contra um exercito francez,  
E matal-o de um vez,  
Não digo que isto é façanha.  
Um exercito não me ganha,  
Ainda eu mesmo doente  
Como é que existe gente  
Que se atreve a exaltar  
E pelo mundo espalhar  
Que Carlos Magno é valente?

Carlos Magno perguntou  
Quem tanto o insultava,  
Quem tão rebelde fallava.  
Ricardo ahi lhe explicou  
Lhe disse esse que chegou,

É um grande da Turquia,  
Turco de muita energia,  
Impera sobre o seu throno.  
E' o legitimo dono  
Do reino de Alexandria.

Aquelle foi o que entrou  
Dentro de Jerusalém  
Não respeitando ninguem  
Até apostolos matou.  
No templo sagrado achou  
Balsamo que Deus foi unguido  
Cousas que tinham servido  
Na paixão do Redemptor,  
A corôa do Senhor  
Tudo elle tem conduzido.

Carlos Magno observou  
Que nem um se offereceu,  
Logo alli entristeceu  
Chamou Roldão e o mandou,  
Disse Roldão—eu não vou  
Nem eu, nem meus companheiros  
Nos combatas derradeiros  
Exgottamos os valores,  
Quem foram merecedores  
Foram os velhos cavalleiros.

Nessa ultima batalha  
Sanguinolenta e tyrana,  
Minha espada durindana

Não mostrou uma só falha,  
Daquella bruta canalha  
Arrebatei a victoria,  
Me ficará de memoria  
Aquelles grandes perigos  
Os cavalleiros antigos  
Foi a quem désses a gloria.

Carlos Magno quando ouviu  
A resposta de Roldão  
Se encheu de tanta paixão  
Que um ferro lhe sacudiu.  
Roldão quando olhou que viu  
O sangue delle descer,  
Não pôde mais se conter,  
Se armou com tal furor  
Que não foi ao imperador  
Por Ricardo se interver.

Carlos Magno ordenou  
Que os pares o pegasse,  
Depois de prezo o matasse.  
Roldão de novo se armou  
Pela espada puxou  
E disse em alta linguagem  
Com destemida coragem,  
Falou a todos assim:  
—Qualquer que tocar em mim  
Diga que está de viagem.

Tudo alli ficou callado

Não falou um cavalleiro  
Roldão era o companheiro  
Dentre todos mais amado,  
De mais era respeitado  
Pela nobreza e acção,  
Tinha um leal coração  
Para com seus companheiros  
E mesmo dos cavalleiros  
Era elle o capitão.

Carlos Magno ficou  
Certo de que ninguem ia  
Disse que mesmo queria  
Ver quem o desafiou,  
Quando a noticia chegou  
Aos ouvidos de Oliveiros  
Que soube que os cavalleiros  
Não tinham lhe obedecido,  
Ficou bastante sentido  
Desta acção dos companheiros.

Ordenou ao escudeiro  
O cavallo lhe sellar  
E mandou logo apromptar  
Arreios de cavalleiro...  
E gritou—ande ligeiro,  
Me ajude logo a armar,  
Pode o turco se gabar,  
Matei um dos cavalleiros,  
Porem não diz Oliveiros  
Temeu commigo lutar.

Assim que Guarim sentiu  
Seu senhor fallar em guerra,  
Poz os joelhos em terra  
Até por Deus lhe pediu,  
Porque imaginou e viu  
Que elle não estava capaz,  
Porque já era demais  
O sangue que lhe sahia  
Por isso por Deus pedia  
Que não fosse a Ferrabraz.

Guarim, podes descansar,  
—Oliveiros respondeu.  
Um soldado como eu  
Não deixa seu rei chorar,  
Pois o turco ha de acreditar  
Que mil feras não me comem  
As minhas façanhas se somem  
Mas enquanto eu não morrer  
Ferrabraz ha de dizer  
Em França encontrei um homem.

Quando do leito se ergueu  
Pôz uma perna estendida,  
Logo ahi de uma ferida  
Porção de sangue desceu,  
O escudeiro tremeu  
Assim que o sangue espanou  
E elle não se importou  
Como que estivesse são,  
Fincou a lança no chão

E de um pullo se montou.  
Foi elle ao imperador  
Com a maior reverencia,  
E disse com obediencia:  
—Esclarecido senhor,  
Eu não sou merecedor  
Que cousa alguma me dê,  
Por isso, senhor, bem vê  
Que valor tem seu captivo  
Por 10 annos que vos sirvo  
Pedir vos quero mercê...

Disse-lhe o imperador:  
—Pode Oliveiros dizer,  
Eu juro o satisfazer  
Seja que pedido fôr.  
Disse Oliveiros: Senhoi!  
Não quero cousa de mais,  
E não serei tão capaz  
Para tanto vos pedir,  
Porem o que quero é ir  
Dar batalha a Ferrabraz.

Carlos Magno quiz faltar  
Devido ao seu máo estado,  
Porem já tinha ordenado  
Não podia revogar.  
Viu Oliveiros montar  
E muito sangue sahir  
Rogou o para não ir...

Disse Oliveiros: irei  
Se desfeitiando meu rei  
De que me serve existir?

Não posso aqui declarar,  
O que era de mistér,  
Como ficou Regner  
Vendo Oliveiros montar,  
Ficou a se lastimar  
Vendo os outros cavalleiros,  
Elle com mil desesperos  
Prostrado em terra se lança  
Perdendo a ultima esperança  
—De ver seu filho Oliveiros.

Ferrabraz estava deitado  
Sentio chegar Oliveiros  
Foi ver se eram os cavalleiros  
A quem já tinha insultado,  
Depois de ter bem olhado  
Cresceu lhe mais o furor,  
Com desprezo atterrador  
E raiva dos cavalleiros  
Perguntou a Oliveiros:  
—Que fizeste ao teu senhor?

Levante-se, cavalleiro,  
Prepare as armas se aprompte  
Pegue o cavallo, se monte,  
Trate de ser bom guerreiro  
Ponha seu corpo ligeiro

Veja não dê uma falha,  
A morte entre nós se espalha,  
A hora de um é chegada  
Lance mão de sua espada,  
Vamos entrar na batalha.

Quem és tu, tão pequenino  
Que vens me desafiar?  
Achas que vou me occupar  
Em dar batalha a menino?  
És louco, tu não tens tino,  
Disse o turco com furor.  
Seja por qual forma fôr,  
Quero que agora, confesses  
Se algum mal já fizestes  
Contra a teu imperador?

Disse Oliveiros zangado:  
Venha pelear commigo,  
Perante seu inimigo,  
E ser vil pôr-se deitado.  
Devia ser delicado  
Lhe reflectio Oliveiros  
Na ordem dos cavalleiros  
Encontra-se a educação,  
Pois isso não é acção  
Vinda dos grandes guerreiros.

O turco disse afinal:  
Ah! cavalleiro, lhe digo,  
Só pode lutar commigo

Se fôr de sangue real,  
Porque se não fôr igual  
Recusarei a empreza;  
Fallo com toda franqueza...  
Então Oliveiros disse:  
Pode crer como que visse  
Minha origem é de nobreza.

Ferrabraz lhe esclareceu:  
Teu nome has de me dizer.  
Primeiro eu hei de saber.  
Disse Oliveiros:—do teu  
Disse Ferrabraz: o meu  
Eu direi sem mais porfia,  
Pois minha soberania  
Não exige cousas taes,  
Eu me chamo Ferrabraz,  
Sou o rei de Alexandria.

Eu sou Guarim de Lorenda.  
—Oliveiros respondeu—  
Hoje foi que succedeu  
Dar a primeira contenda:  
E lhe digo que se renda  
Que o levarei com amor,  
Fique sabendo o senhor  
Hoje não pode escapar  
Eu hoje o tenho de levar  
Para o meu imperador.

O turco disse-lhe assim:

Teu rei é muito malvado  
Pois pega um pobre soldado  
Sem causa quer dar-lhe fim.  
Porque em tu vires a mim  
E' ser muito louco ou bôbo,  
E' como fazer um roubo  
A quem não possui dinheiro,  
E' empurrar um cordeiro  
Dentro da jaula de um lôbo.

Oliveiros já massado  
Disse: turco és um louco...  
Levanta-te, senão com pouco  
Hei de ferir-te deitado,  
Que tempo tem se passado  
Nessas tuas discussões  
Eu não vim ouvir razões  
Vim ao campo pelejar,  
Tu és franco no fallar  
Vamos vêr tuas acções.

Ferrabraz sem alterar  
Lhe disse: espera Guarim,  
Peço que digas a mim  
O que te vou pergutar,  
Então se pôz a indagar  
Com a falla muita mansa  
Como quem pensa e descança  
Perguntou a Oliveiros:  
—Como são os cavalleiros  
Que formam os pares de França?



Oliveiros disse assim:  
Roldão tem bôa estatura  
Oliveiros na figura  
E' mesmo que vêr a mim,  
• Guy de Borgonha, Bomfim,  
• Ricardo, são quasi iguaes,  
Pegou n'um, é um voraz,  
• Porem emquanto a Roldão  
Em coragem e coração  
O mundo não terá mais.

Disse Ferrabraz: então  
Porque desses cavalleiros  
Não veio a mim o Oliveiros?  
Guy de Borgonho ou Roldão?  
Disse Oliveiros: isso não  
Oliveiros está doente  
Bomfim tambem anda auzente,  
Guy de Borgonho ficou  
Roldão nunca se occupou  
Brigar com um turco somente.

Guarim tu tens me mentido  
• Pois não és novo guerreiro,  
• E's antigo cavalleiro  
• Tanto que tu estaes ferido.  
• Mas Oliveiros fingido  
Disse: esse sangue é d' agora  
• Eu estou são; porem embora  
• Tenha na junta algum callo,  
• O sangue é de meu cavallo :

Que é muito duro de espora

Depois de se levantar  
Ferrabraz se preparou,  
• A Oliveiros rogou  
• Que o ajudasse a armar.  
Oliveiros quiz faltar  
• Por achar que era um perigo.  
Disse Ferrabraz: lhe digo  
Confie em minha nobreza,  
Eu não uso da vileza  
Para com meu inimigo.

• Oliveiros se apeiou  
Ajudou a Ferrabraz.  
• Com cortezias iguaes  
Elle tambem o tratou.  
Quando Ferrabraz se armou  
Vestiu a saia de malha  
Na qual não tinha uma falha  
• Feita por outros guerreiros,  
• Montaram-se os cavalleiros  
Deram começo a batalha.

Posto em ordem proseguiram  
A lucta em estreitos passos,  
Das grossas lanças os pedaços  
De ambos ao longe cahiram,  
Ambos logo se serviram  
De duas finas espadas  
Cortantes, grandes, pesadas

Que era uso dos guerreiros  
Das feridas de Oliveiros  
Foram tres as magoadas.

Disse Ferrabraz: Guarim,  
Pela crença dos fieis  
Confesses logo quen és,  
Não sejas fingido assim.  
Creio que mentistes a mim  
Tu és um dos cavalleiros  
Daquelles grandes guerreiros  
Que a fama está espalhada,  
Pelo pegar da espada  
E's Boldão, ou Oliveiros.

Disse o hoste dos guerreiros:  
Turco tenho uma attracção  
Para roubar coração  
Dos mais duros cavalleiros.  
Confesso, sou Oliveiros,  
Minha fama tens ouvido.  
Ferrabraz ficou sentido  
De seus insultos primeiros  
Disse: —desculpe Oliveiros  
Não tel-o bem recebido.

Ahi tornaram a partir  
Em ordem de covalleiros  
Disse o turco a Oliveiros,  
—Não posso mais te ferir;  
Vejo teu sangue sahir

Devido estares estragado;  
Eu tenho o balsamo sagrado  
Com que teu Deus foi ungado,  
Bebe-o porque estás ferido,  
Bebendo ficas curado.

Turco eu não hei de aceitar  
Cousa alguma que me deres,  
Salvo se tu quizeres  
Crêr em Deus, te baptisar.  
Do contrario é se cançar  
Porque não acceito nada.  
Estou com a vida arriscada,  
Sei do poder que tem elle  
Porem só me sirvo delle  
Tomando-o pela espada.

Ahi ambos prevenidos  
Não escutaram razões,  
Pareciam dois leões  
Numa jaula enfurecidos.  
Dous golpes iguaes medidos  
Todos dous descarregaram,  
Com a força que botaram  
Os braços ficaram bambos  
E os cavallos de ambos  
En terra se ajoelharam

Oliveiros recebeu  
Um golpe tão desmarcado  
Que ficou afordado

E muito sangue desceu.  
O turco ahi conheceu  
Delle as forças abatidas  
Com vozes compadecidas  
Disse Oliveiros teimoso,  
Bebe o balsamo milagroso  
Que te cura essas feridas.

Ferrabraz, eu nada acceito  
Assim não deves cansar-te,  
Confesso de minha parte  
Que todo offerta regeito.  
Porque eu não me aproveito  
D'uma acção acobardada  
Por uma protecção dada  
Pois que prefiro morrer  
Que do teu balsamo beber  
Sem o tomar pela espada.

Beijou a cruz da espada  
Proseguio uma oração!  
Oh! Virgem da Conceição  
Maria pia e sagrado,  
Mãe de Deus immaculada,  
Esposa casta e fiel!  
Pelo vinagre e fel  
Que Christo bebeu na Cruz,  
Rogae por mim a Jesus,  
Nessa batalha cruel.

Partiu ao seu contendor

Com tanta disposição  
Que só se tivesse são  
Teria tanto valor.  
Deu-lhe um golpe matador  
Porem pegou mal pegado,  
Feriu o turco de um lado  
Ferrabraz se desviou  
Tirando o balsamo e tomou  
Ficou de tudo curado.

Oliveiros entristeceu  
Quando viu Ferrabraz são,  
E disse no coração  
Quem perde a lucta sou eu...  
Porem não esmoreceu  
Nem deu mostração de falha  
Como o homem que trabalha  
Disse sem poder conter-se,  
Falta pouco para vêr se  
O fim de nossa batalha.

Disse o turco — cavalleiros :  
Tu já estás muito ferido  
Queira acceitar meu partido  
Renda-se, prisioneiro,  
Assim lhe farei o herdeiro  
Do reino de Alexandria,  
E tem mais a garantia  
De hoje para amanhã,  
Casarás com minha irmã,  
A flores de toda Turquia.

Disse Oliveiros:—Senhor  
Eu não prefiro riqueza,  
Quero morrer na pobreza,  
Mas bem com meu Salvador...  
Porque foi meu creador  
E por minh'alma trabalha,  
Um estante não se empalha  
Para valer os fieis,  
Turco, cuida em teus papeis,  
Vamos dar fim a batalha.

Cobriu-se com seu escudo  
Beijou a cruz da espada  
E deu uma catilada  
Que desceu arriés e tudo,  
E dando outra a miúdo,  
A Ferrabraz offendeu  
O céo o favoreceu  
Um revez escapoliu  
O balsamo delle cahiu  
E Oliveiros bebeu.

Ferrabraz admirado  
Por ver tanta ligeireza,  
E ver aquella destreza  
Em quem já estava cançado,  
Viu Oliveiros curado  
De todas suas feridas  
Suas forças abatidas,  
Mas estava tão renitente  
Que parecia-lhe um ente

Com quinze ou -dezeseis vidas.

Depois de ter apanhado  
O balsamo que lhe serviu,  
Dentro do rio saccudio  
O que inda tinha ficado.  
Ferrabraz ficou massado  
Por Oliveiros botar  
O que não podia achar  
Ainda a peso de ouro,  
Do mundo todo thesouro  
Não poderia comprar.

Oliveiros respondeu:  
Ferrabraz fique sabendo  
Que a tudo Deus está vendo  
Pois o mundo todo é seu,  
Um guerreiro como eu  
Não vae atraz de cilada  
Com Deus não me falta nada  
Me bastam os prodigios seus  
Não quero mais do que Deus  
Uma lança e uma espada.

E tornou a investir  
Que só um leão voraz.  
E disse: Senhor Ferrabraz  
É tempo de dicidir,  
Só se ouvia era tinir  
As espadas pelo ar.  
Roldão que estava a olhar

• De vez em quando dizia;  
• Oliveiros eu queria  
Estar agora em teu logar.

• Já tinha se espedaçado  
Arnéis capacete e tudo,  
Não tinha mais um escudo  
Que não tivesse quebrado.  
As lanças tinham voado  
Só as viseiras existiam  
• Elles já mal se cobriam  
Nas horriveis cutiladas.  
Somente as duas espadas  
Sem damno algum resistiam.

Oliveiros se preparou  
E partiu ao inimigo...  
O turco viu o perigo  
E pé firme o esperou,  
Uu golpe nelle deitou  
Com tanta disposição  
Sem ser proposito ou traição  
Nesses golpes tão ligeiros,  
O cavallo de Oliveiros  
Cahiu sem vida no chão.

• Turco tu estás bem montado  
• E meu cavallo morreu.  
Ferrabraz lhe respondeu:  
Mas eu não fui o culpado.  
Não ficarás desarmado

• Que eu sei a ordem qual é  
• Não desanimes na fé  
• Eu fui quem matei o teu,  
• Agora monte no meu  
• E vou pelejar de pé.

• Disse-lhe Oliveiros: não  
• Fico tambem desmoniado  
• Tu não fosses o culpado  
• Assim era ser vilão,  
• Por certo eu tinha razão  
• Porque matasses o meu,  
• Foi caso que aconteceu  
• Era-me feio aceita-lo.  
• Não brigo só a cavallo  
• Podes descançar o teu.

Ahi Ferrabraz atou  
Num alvoredo o cavallo  
E disse vou descançal-o  
Sua occasião chegou,  
Para batalha marchou  
Com toda disposição,  
Oliveiros forte e são  
• Esperava cara a cara,  
• Com a espada Alta Clara  
Rugindo que só leão.

Eu agora me lembrei  
Da falta que commetti,  
Mas foi porque me esqueci,

Por isso não relatei.  
Porem sempre fallarei  
Para o leitor se agradar,  
Quem sabe ha de se lembrar  
Na lucta dos cavalleiros,  
O cavallo de Oliveiros  
Quando quiz desembestar.

Com a grande cutilada  
Que Oliveiros recet e',  
Quando o cavallo correu  
Não obedecendo a nada,  
Sahiu numa desfilada.  
Mas o turco o atalhou  
Oliveiros até pensou  
Que fosse alguma tragedia,  
O turco pegou na redia  
E o cavallo parou.

Outra parte que dizia  
Quando o cavallo do turco,  
Foi voal-o num cavuco  
Ferrabraz quasi morria.  
Oliveiros com energia  
Chegou nessa mesma hora,  
Apeiou-se sem demora  
Que só sendo dois irmãos,  
Pegou elle pelas mãos  
E botou Ferrabraz fóra

E tornaram-se bater

Os dous ferozes cavalleiros,  
O turco com Oliveiros  
Ninguem podia entender,  
Nada se ouvia dizer  
No jogo das cutiladas,  
As armas espedaçadas,  
Com esse pesado jogo  
De longe via se o fogo  
Que sahia das espadas

Podes gabar-te Oliveiros  
Disse o turco admirado:  
—Olhe que tenho luctado  
Com mais de mil cavalleiros,  
Entre todos os guerreiros  
Não houve quem me ferisse  
Nem quem tanto resistisse  
Os golpes de minha espada,  
Ella por outra assignada  
Nunca houve quem a visse.

Disse Oliveiros:—então  
Tua espada não torasse,  
E' porque não encontrasse  
Com a espada de Roldão.  
Elle com ella na mão  
Nunca encontrou ferro duro,  
Nem arnez de aço puro  
Que seus golpes resistisse,  
Nem metal que não rangisse,  
Nem cavalheiro seguro.

E cobriu-se com uma parte  
Do escudo que ficou,  
Com todo orgulho gritou,  
Vamos dar fim ao combate,  
A nós não ha quem aparte  
Disto ja estou convencido.  
Haja o que Deus fôr servido.  
Onde ha campos e espadas,  
As razões são escusadas,  
Conversa é tempo perdido.

E partiu determinado  
A Ferrabraz degollar,  
Mas não pode aproveitar  
O golpe descarregado.  
O turco pulou de um lado,  
Um golpe nelle mediu.  
Quando Oliveiros sentiu  
O braço lhe estremeceu,  
Do golpe que recebeu  
A sua espada cahiu.

Assim mesmo inda pegou-a,  
Mas tinha o braço dormente.  
O turco rapidamente  
Partiu a ella apanhou-a  
Chegando examinou-a,  
Ficou muito admirado  
E disse entusiasmado:  
—Oliveiros estás vencido,  
Isso ahi está decidido'

Porque já estás desarmado.

Porem pega tua espada  
Não quero vencer-te assim,  
Mesmo quero ver o fim  
Dessa batalha encantada,  
Pois que está tão dilatada  
Qua já estou mal satisfeito.  
Respondeu-lhe— só acceito  
Por minhas armas tomadas'  
Toma-la por mão beijada,  
Isso não é de direito.

Com um pedaço de escudo  
Que no chão tinha ficado,  
Depois de o ter apanhado  
Disse Oliveiros, isso é tudo,  
Não fura mais é cascudo,  
Mata qualquer, está provado.  
Guarim tinha observado,  
Foi a Carlos Magno e disse  
Que a Oliveiros acudisse.  
Que já estava desarmado.

Oliveiros viu então  
Que a sella de Ferrabraz  
Estava munida de mais  
Com espadas no arção,  
Com toda disposição  
Que só quem não tem juizo,  
Partiu ao turco indecizo

Sem temeridade alguma  
Puxou pelo cabo uma  
Que se chamava Baptiso.

Agora sim, estou armado,  
Disse elle a Ferrabraz.  
Nas armas estamos iguaes  
Nenhum ficará massado.  
Cada qual zele seu lado  
Que a batalha vai findar,  
É tempo de aproveitar  
A força, a coragem, o jogo,  
A batalha é ferro e fogo  
Seja feliz quem ganhar.

E haja tempo, o ferro trôa  
Com golpes tão desmedidos,  
Das espadas os tinidos  
Só um trovão quando sôa  
Que o estampido reboa  
Por vãos de serra e quebradas,  
Como bombas dispersadas  
Raios de fogo subiam.  
Grossas faiscas saham  
Daquellas duas espadas.

Ferrabraz a resistir  
Estava com tanta paixão,  
Oliveiros só leão  
Quando alguém o quer ferir,  
Disse—vamos dicidir

Esta batalha comprida,  
A causa está conhecida,  
Um de nós hoje aqui erra,  
E nesse campo de guerra  
Um ha de deixar a vida.

Oliveiros ahi se ergueu  
Marcou-lhe a cabeça ao meio  
Que foi o golpe mais feio  
Que um c.alleiro já deu,  
Ferrabraz estremeceu  
E quasi perde o sentido,  
Ficando muito abatido  
Já com os golpes primeiros,  
Disse consigo Oliveiros:  
—Esse está quasi vencido!

E tornou a repetir  
Outro golpe desmarcado,  
O turco muito cançado  
Quasi o golpe o faz cahir,  
Não podendo resistir  
O golpe não respondeu,  
Oliveiros conheceu  
A falta de ligeireza,  
Mas viu que aquella fraqueza  
Não era defeito seu.

Disse Oliveiros consigo,  
Meu Deus—se vós concedesse  
Que esse turco conhecesse



- Que é feliz viver contigo
- Livraria-o do perigo
- De su'alma se perder,
- O ceu havia de colher
- Um'alma quasi perdida
- Que depois de arrependida
- Podia se converter.

Já de Ferrabraz a vida  
Se divulgava num sopro,  
Cada parte de seu corpo  
Tinha uma mortal ferida,  
A força muito abatida

- Elle de todo mudado
- Pallido e ensanguentado
- Oliveiros viu com calma
- Que o turco só tinha a alma,
- O corpo estava acabado.

Jesus, Filho do Eterno,  
Exemplo de Redempção,  
Livrai a este pagão  
Do abysmo do inferno  
Dai-lhe um desejo moderno,  
Um intuito que o avise  
Dessa miseravel crise,  
Dai-lhe isso como prenda,  
Que de tudo se arrependa  
Creia em vós e se baptise.

Já estava Ferrabraz  
Muito rendido ao cansaço,  
Já o seu esquerdo braço  
Não o podia erguer mais,  
Porque não era capaz  
De resistir mais uma hora  
E Oliveiros por fóra  
Conheceu-lhe a gravidade,  
Com toda amabilidade  
Disse—Ferrabraz, agora,

- Quero que fique sabendo
- Que existe um Deus que nos cria,
- Sua força e energia
- E' como aqui tu estás vendo,
- Vim aqui quasi morrendo,
- Todo chagado e ferido
- De um combate que tinha tido
- Para elle defender,
- Sem do teu balsamo beber
- Fui de Deus favorecido!

- Se tu chegasses a crer
- Na Santissima Trindade,
- No Poderoso Deus Padre,
- Havias de conhecer
- Que ao mundo rege um poder
- De grande sabedoria,
- Que a tudo alimenta e cria,
- Fez o creu, a terra, o mar,
- E' mais puro que o ar

• E mais claro que o dia.

Esse um dia descerá  
• Ao mundo das illusões,  
E todas nossas acções  
Como juiz julgará.  
E como te salvará?  
• Tu sem lei, sem confiança,  
Sem ter nelle uma esperança  
• Vás ao dia de juizo?  
Então perde o paraizo  
• Esta grande e rica herança?

Deixe estes idolos que adora,  
Creia na Virgem Maria,  
• Creia que um Deus que nos cria  
Julga tudo em uma hora,  
Bote estas illusões fora,  
Que o demonio não lhe pise  
Peça a Jesus que o avise,  
Abraça a religião  
Peça das culpas perdão  
• Creia em Deus e se baptise.

Disse o turco—cavalheiro,  
• Isso eu não hei de fazer  
• Me sujeitarei morrer  
No campo do desespero.  
Tenho os louros de um guerreiro  
• Brazão, honra, assim por diante,  
Ainda que vá avante,

Isto assim nunca farei,  
Não deixo a lei que adoptei  
Por dez montes de brilhante.

Dizendo—Apollim me valha!  
Se levantando cançado,  
Inda dizia animado:  
—Vamos dar fim a batalha.  
• A morte não me empalha,  
A vida é como um segredo,  
• O mundo um cruel degredo  
• Onde um mysterio se encerra,  
Golpe de espada na guerra  
• Jamais me mata de medo.

• O iveiros pode ver  
• Quando estavam descançando,  
Que el'e estava desmaiando  
E se arriscava a morrer.  
Jamais podia viver  
Devido ao seu mau estado.  
Muitas feridas de lado  
Era enorme a sangueira,  
Das armas só a vizeira  
Apenas tinha ficado.

Ainda se levantou,  
Disse:—Sr. Oliveiros,  
Dsses são os derradeiros  
Golpes que em guerra dou.  
Oliveiros o esperou,

Mas não queria o matar;  
Seu desejo era o salvar,  
Não desejava mais nada  
Poz no réto sua espada  
Apenas para constar.

Assim que Férrabraz viu  
Se ultimando sua vida,  
Poz a mão sobre a ferida  
A Oliveiros pediu  
Julga-se que o turco sentiu  
Uma emoção tanto ou quanto  
Que disparou nesse pranto  
Resentido e maguado,  
Como se fosse tocado  
Do Divino Espirito Santo.

—Nobre e grande cavalleiro!  
Disse o turco arrependido,  
Agora estou convencido  
Que teu Deus é verdadeiro,  
Grande, bom e justiceiro,  
Ente de grande mistér,  
Faz tudo quanto quizer  
Nelle não ha quem pise...  
Te peço que me baptise,  
Depois faça o que quizer.

Oliveiros quando acabou  
De ouvir o que elle dizia  
Ficou com tanta alegria

Que de contente chorou  
As feridas lhe curou  
Livrou elle de morrer  
Então se ouvia dizer:  
—Aquella alma fiel  
Bemdicto o Deus de Israel  
Que foi, que é, e ha de ser.

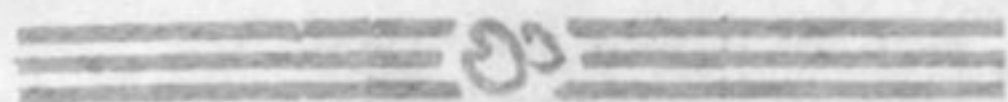
Estando Oliveiros sentido  
Por vêr assim Ferrabraz,  
Lhe disse,—hoje serás  
Pelos pares recebido;  
Não por eu ter te vencido  
Mas sim por seres christão...  
Porque a religião  
Abraça todo rebelde  
Desde da hora que pede  
De suas culpas perdão.

Disse o turco:—has de montar  
Em meu cavallo e seguir;  
Se meu exercito me vir  
Ha de me querer tomar  
E cuide logo em se armar  
Com a maior brevidade,  
Tenho arma em quantidade  
De qualidades mais bellas  
Pode confiar-se nellas,  
Que valem sete cidades.  
E por traz daquelle oiteiro

Tem dez mil turcos esperando  
E mais que ha de vir chegando  
Cada qual mais cavalleiro,  
Onde tem cada guerreiro  
Que só um tigre ou leão  
Homens de disposição,  
Destros no jogo da lança,  
Pessoas de confiança  
Do almirante Balão,

Disse: has de montar  
Em meu cavallo e seguir  
E ajudar-me a subir  
Para poder me levar,  
E não deves demorar  
Porque estou muito ferido...  
Ficarei muito sentido  
Se morrer sem baptisar-me,  
Alli tem a esperar-me  
Um exercito mui crescido.

E Oliveiros andando,  
Por uma estrada que havia  
Viu que de um monte sahia  
A força que estava esperando,  
O turco foi se apeiando  
E Oliveiros se armou,  
Sobre uma sombra o deixou  
Foi de encontro aos inimigos,  
Um dos maiores perigos  
Que Oliveiros encontrou.



## A Secca do Ceará

Sécca a terra as folhas caem,  
Morre o gado sai o povo,  
O vento varre a campina,  
Rebenta a secca de novo;  
Cinco, seis mil emigrantes  
Flagellados retirantes  
Vagam mendigando o pão,  
Acabam-se os animaes  
Ficando limpo os curtaes  
Onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde  
Em todo aquelle sertão  
Não ha um ente d'aquelles  
Que mostre satisfação  
Os touros que nas fazendas  
Entravam em luctas tremendas,  
Hoje nem vão mais o campo  
É um sitio de amarguras  
Nem mais nas noites escuras  
Lampeja um só pirilampo.

Aquelles bandos de rolas

Que arrulavam saudosas  
Gemem hoje coitadinhas  
Mal satisfeitas, queichozas,  
Aquelles lindos tétéos  
Com penas da cor dos céos.  
Onde algum hoje estiver,  
Está triste mudo e sombrio  
Não passeia mais no rio,  
Não solta um canto siquer.

Tudo alli surdo aos gemidos  
Visa o espectro da morte  
Como a nauta em mar estranho  
Sem direcção e sem Norte  
Procura a vida e não vê,  
Apenas houve gemer  
O filho ultimando a vida  
Vai com seu pranto o banhar  
Vendo esposa soluçar  
Um adeus por despedida.

Foi a fome negra e crua  
Nodoa preta da historia  
Que trouxe-lhe o ultimatum  
De uma vida provisoria  
Foi o decreto terrivel  
Que a grande penna invizivel  
Com energia e sciencia  
Autorizou que a fome  
Mandasse riscar meu nome  
Do livro da existencia.

E a fome obdecendo  
A sentença foi cumprida  
Descarregando lhe o gladio  
Tirou-lhe de um golpe a vida  
Não olhou o seu estado  
Deixando desamparado  
Ao pé de si um filinho,  
Dizendo já existisses  
Porque da terra sahisses  
Volta no mesmo camirho.

Vê se uma mãe cadaverica  
Que já não pode fallar,  
Estreitando o filho ao peito  
Sem o poder consolar  
Lança-lhe um olhar materno  
Soluça implora ao Eterno  
Invoca da Virgem o nome  
Ella debil triste e louca  
Apenas beija-lhe a bocca  
E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes  
Atravessarem as ruas  
Umas com roupas em tira  
Outras até quasi nuas,  
Passam tristes, envergonhadas  
Da cruel fome, obrigadas  
Em procura de soccorros  
Nas portas dos potentados,  
Pedem chorando os criados

O que sobrou dos cachorros.

Aquelles campos que eram  
Por flores alcatifados,  
Hoje parecem sepulchros  
Pelos dias de finados.  
Os vales d'aquelles rios  
Aquelles vastos sombrios  
De fronzozas trepadeiras,  
Conserva recordação  
Da cratére de um vulcão  
Ou onde havia fogueiras.

O gado urra com fome,  
Bérra o bizerro engeitado,  
Tomba o carneiro por terra  
Pela fome fulminado,  
O bode procura em vão  
Só acha pedras no chão  
Póe-se depois a berrar,  
A cabra em lastima completa  
O cabrito inda penetra  
Procurando o que mamar.

Grandes cavallos de sellas  
De muito grande valor  
Quando passam na fazenda  
Provocam pena ao senhor  
Como é diferente agora  
Aquelle animal de que outr'ora  
Causava admiração,

Era russo hoje está preto  
Parecendo um esqueleto  
Carcomido pelo chão.

Hoje nem os passaros cantam  
Nas horas do arrebol'  
O juryty não suspira  
Depois que se põe o sol  
Tudo alli hoje é tristeza  
A propria cobra se peza  
De tantos que alli padecem  
Os camaradas antigos  
Passam pelos seus amigos  
Fingem que não os conhecem.

Santo Deus! Quantas miserias  
Contaminam nossa terra!  
No Brazil ataca a secca  
Na Europa assola a guerra  
A Europa ainda diz  
O governo do paiz  
Trabalha para o nosso bem  
O nosso em vez de nos dar  
Manda logo nos tomar  
O pouco que ainda se tem.

Ver-se nove, dez, num grupo  
Fazendo supplicas ao Eterno  
Crianças pedindo a Deus  
Senhor! Mandai-nos inverno,  
Vem, oh! grande natureza

Examinar a fraqueza  
Da fragil humanidade  
A natureza a sorrir  
Vel-a sem vida cahir  
Responde: o tempo é de balde.

Mas tudo alli é de balde  
O inverno é soberano  
O tempo passa sorrindo  
Por sobre o cadaver humano  
Nem uma nuvem apparece  
Alteia o dia o sol cresce  
Deixando a terra abrazada  
E tudo a fome morrendo  
Amargos prantos descendo  
Como uma grande enxurrada.

Os habitantes procuram  
O governo federal  
Implorando que os socorra  
Naquelle terrivel mal  
A creança estira a mão  
Diz senhor tem compaixão  
E elle nem dar-lhe ouvido  
É tanto a sua fraqueza  
Que morrendo de surpresa  
Não pode dar um gemido.

Alguem no Rio de Janeiro  
Deu dinheiro e remetteu  
Porem não sei o que houve

Que ca não appareceu  
O dinheiro é tão sabido  
Que quiz ficar escondido  
Nos cofres dos potentados  
Ignora-se esse meio  
Eu penso que elle achou feio  
Os bolsos dos flagellados.

O governo federal!  
Querendo remia o Norte  
Porem cresceu o imposto  
Foi mesmo que dar-lhe a morte  
Um mete o tacho e ro'a-o  
O Estado aqui esfolo-o  
Vai tudo dessa maneira  
O municipio acha os troços  
Ajunta o resto dos ossos  
Manda vendel-os na feira.

FIM

# LIVRARIA

PEDRO BAPTISTA

—CATALOGO—

LIVROS E ARTIGOS ESCOLARES:  
10% a menos do actual preço do  
Commercio.

Arnaldo Barreto

Cartilha Analytica

Mariano de Oliveira

Nova Cartilha

Cartilha das Mães.

Puiggare Barreto

1. 2. e 3. Livros

Felisberto de Carvalho

1. 2. e 3. Livros

Hilario Ribeiro

1. 2. e 3. Livros

Rocha Pombo

Nossa Patria

Historia do Brazil

Dr. J. M. Lacerda

Historia do Brasil

Pequena Geographia

Geographia curso Superior

Arthur Thiré

Geographia Elementar

Macedo Costa

Historia Biblica

Compendio de Civilidade Christa

Coelho Netto e Olavo Bilac

A Patria Brasileira

—45—

Dr. Fliciano Rodrigues Fernandes

Sciencias Phisicas e naturaes 1. grau

Sciencias Phisicas e naturaes 2. grau

Arthur Trajano

Arithmetica Primaria

" " Elementar

" " Progressiva

Abilio Cezar Borges

Geometria

Dr. Carlos Dias Fernandes

Escola Pittoresca

Olavo Freire

Arithmetica Intuitiva

José Coelho

Corographia da Parahyba

Edmundo Amicis

Coração

Dr. João Ribeiro

Grammatica 1. e 2. annos

Eduardo Carlos Pereira

Grammatica Expozitiva Elementar

" " Curso Superior

" " Historica

J. M. Palhares

Manuscripto—Compendio dedicado  
ao sexo Feminino

Carlos Silva

O Paleographo



Francisco Vianna:

1. 2. 3. 4. 5. 6. Caderno Calligraphia Americana

1. 2. 3. 4. 5. 6. Vertical.

Cadernos para desenho, aquarellas, fuminhos fuzains.

Boletim Escolar cadernos para dictado, para muzica; Pequena Arte de muzica, Methodo de solfejos etc.

Completo sortimento de lousas, crayons, lapis de cores para desenho pennas, canetas, borrachas, papel almaço, matta borrão, pegadores para livros furadores grampos para papel etc. etc.

### LIVROS DIVERSOS

O grande livro de S. Cypriano, A Bruxa Evora, O livro completo dos Sonhos, Os Segredos da Roleta, Conselheiro dos Amantes, Manual do Nomorado, Diccionario das Flores e Fructas, Cartas de Amor; O Medico da Familia, Medicina para Todos; As Mil e uma Noites; Manual de Prestidigitação, Hipinotismo; O Orador Popular, Secretario Moderno, Secretario Brasileiro; Manual do Destilador, Manual do Paideiro, Guia da Cozinha; Aven-

turas de Saturnino Farandola; O Lunario Perpetuo; O Romance completo de Rocambole, A Historia do Imperador Carlos Magno, Historia de Genoveva de Brabant.

Romances, Historias, e Novellas.

### LIVROS e artigos RELIGIOSOS

O Escudo Admiravel, Adoremos, Ancora de Salvação, Mez das Almas, Mez do S. C. de Jesus, Mez Mariano, Mez de S. José, Cartilha da Doutrina Christã, Maná, Diver-sos manuaisinhos de missa para crianças, Historia e vida de Santos, Novo e Velho Testamento com o Apocalysse de S. João.

Terços brancos pretos e de cores, Medalhas, Crucifixos, Santinhos, Estampas, Quadros do C. de Jesus para entronizações etc. etc.

### AGRADO E PRESTEZA

Preços Resumidos

## RETRATO DO AUCTOR



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865, no Municipio da Villa do Pombal, Estado da Parahyba e falleceu á 4 de Março de 1918, no Recife.

6063

O editor e proprietario reserva os direitos de reproducção de acordo com o artigo 649 do Codigo Civil.

(KCB)